AS INFLUÊNCIAS DAS LÍNGUAS AFRICANAS E INDÍGENAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

ANDREZA DOS SANTOS GOMES

Resumo:
Este artigo propõe uma análise aprofundada das influências das línguas africanas (como o banto, o iorubá e outras do grupo nigero-congolês) e das línguas indígenas, especialmente do tronco tupi-guarani, na formação do português brasileiro. Parte-se de uma perspectiva histórica e sociolinguística para investigar os efeitos dessas línguas no léxico, na fonologia, na morfossintaxe e na pragmática da variante brasileira. São discutidos os processos de crioulização e contato linguístico ocorridos durante a colonização e o tráfico transatlântico de africanos escravizados, bem como a assimilação e apagamento das línguas indígenas no contexto da imposição colonial. Analisa-se, ainda, a evolução regional do português falado no Brasil e sua divergência em relação ao português europeu, considerando as especificidades culturais e sociais de cada região. O artigo destaca a contribuição dessas línguas para a construção de uma identidade linguística nacional, plural e mestiça, ao mesmo tempo em que discute as implicações sociopolíticas e educacionais do preconceito linguístico e da marginalização de tais influências no ensino formal da língua.

Palavras-chave: Português brasileiro; Línguas africanas; Línguas indígenas;

Abstract:
This article presents an in-depth analysis of the influences of African languages (such as Bantu, Yoruba, and other Niger-Congo languages) and Indigenous languages, particularly from the Tupi-Guarani branch, on the formation of Brazilian Portuguese. From a historical and sociolinguistic perspective, it examines how these languages have impacted the lexicon, phonology, morphosyntax, and pragmatics of the Brazilian variant. The article discusses processes of creolization and linguistic contact during colonization and the transatlantic slave trade, as well as the assimilation and erasure of Indigenous languages under colonial domination. Furthermore, it analyzes the regional evolution of Portuguese in Brazil and its divergence from European Portuguese, highlighting cultural and social specificities across regions. The study emphasizes the contribution of African and Indigenous languages to the construction of a plural, mixed national linguistic identity while addressing the sociopolitical and educational implications of linguistic prejudice and the marginalization of these influences in formal language education.

Keywords: Brazilian Portuguese; African languages; Indigenous languages;

1 Introdução

O português brasileiro é o resultado do contato entre europeus, indígenas sul-americanos e africanos trazidos ao Brasil durante o período da escravidão, que passaram a adotar elementos das línguas que falavam. Mais do que simplesmente utilizar uma língua, houve trocas culturais, rejeição, apropriação e reinvenção de palavras, e esse processo deu origem à nova linguagem presente no português brasileiro atual.

Este estudo tem como objetivo examinar, sob uma perspectiva linguística e sociocultural, como as línguas das famílias banto, iorubá e tupi-guarani influenciaram o português brasileiro em vários aspectos, como o vocabulário, a pronúncia, a estrutura das frases e o uso da linguagem. Com base nessa análise, o português brasileiro pode ser visto não como uma forma simplificada do português europeu, mas como uma nova língua com identidade própria.

Além disso, o estudo abordará os processos de crioulização e pidginização, que surgiram da necessidade de comunicação entre falantes de línguas diferentes, e o impacto das línguas africanas e indígenas na cultura e na linguagem do Brasil. Também serão descritas as características únicas e a divergência entre o português brasileiro e o português europeu.

2 Colonização e contatos iniciais

A introdução da língua portuguesa no Brasil, iniciada durante o século XVI por Portugal, impactou uma região já habitada por grupos indígenas, que falavam majoritariamente línguas do tronco tupi-guarani, entre outras. O primeiro encontro entre portugueses e indígenas envolveu trocas, alianças e conflitos, o que influenciou profundamente o desenvolvimento tanto do português quanto das línguas indígenas.

No século XVI, a língua tupi foi amplamente adotada como meio de comunicação entre colonizadores, povos indígenas e missionários, passando a ser conhecida como "língua geral". Esse papel facilitava a transmissão de mensagens e a conversão ao cristianismo, ao mesmo tempo em que introduzia palavras do tupi na fala do português. No entanto, esse cenário não permaneceu estático e passou por grandes transformações com o avanço da colonização e a chegada dos africanos às Américas.

3 O sistema colonial e a escravidão como motores da hibridização linguística

Com a expansão da produção açucareira e, posteriormente, de outras culturas, houve a importação massiva de africanos escravizados, especialmente do tronco linguístico banto e da família iorubá, que carregaram consigo suas línguas e culturas para o Brasil. A interação entre africanos, indígenas e portugueses criou um contexto social multilíngue que exigiu adaptações comunicativas.

Nesse ambiente, o português se transformou sob a influência direta desses contatos. Os africanos, forçados a aprender o português, também transferiram para ele traços fonológicos, lexicais e sintáticos de suas línguas maternas, dando origem a variedades do português brasileiro com características próprias. Simultaneamente, as línguas indígenas continuaram a ser faladas em comunidades e interagiram com o português em diversas regiões.

4 Supressão das línguas indígenas e africanas

Durante os séculos XVII e XVIII, houve um esforço por parte da administração colonial portuguesa para erradicar as línguas indígenas e africanas e impor o português como língua oficial, através de políticas educativas e repressivas. A dissolução das "línguas gerais" (que eram variantes simplificadas do tupi) foi uma dessas ações, impulsionada principalmente pelos interesses da coroa em uniformizar o território linguístico.

Contudo, a imposição do português não eliminou as línguas indígenas e africanas, que sobreviveram e continuaram a influenciar o português falado nas comunidades marginalizadas. Esse processo histórico de repressão e resistência linguística é fundamental para entender as marcas culturais e linguísticas presentes no português brasileiro atual.

5 Campos semânticos indígenas no português brasileiro

O vocabulário de origem indígena representa uma parte significativa do português brasileiro, especialmente em termos relacionados à flora, fauna, topônimos, utensílios e práticas cotidianas. Isso ocorre porque, no momento do contato, os portugueses encontraram realidades naturais e culturais desconhecidas, para as quais não possuíam nomes.

Por exemplo, nomes de plantas como mandioca (da língua tupi mandi'oka) e pitanga foram incorporados para designar espécies locais, assim como nomes de animais típicos como jacaré, capivara, guará e tatu. Tais termos, além de lexicais, carregam uma cosmovisão indígena, expressando uma relação intrínseca entre a língua e o meio ambiente. Além disso, vários topônimos brasileiros, como Itaipava, Paraná, Iguaçu, e Pindorama têm origem tupi-guarani, sendo parte essencial da memória cultural e da geografia linguística do país. O estudo desses empréstimos revela como a língua indígena modelou a percepção portuguesa do território brasileiro e influenciou o léxico cotidiano.

6 Vocabulário africano: cultura material, religiosa e social

A influência africana no léxico do português brasileiro está fortemente ligada à cultura material, religiosa e social trazida pelos africanos escravizados. Palavras como quilombo (do quimbundo), que designa comunidades formadas por escravos fugitivos, trazem

um significado histórico e político forte, evidenciando a resistência negra.
No campo da religiosidade, termos como axé e orixá são oriundos das línguas iorubá e representam conceitos centrais no candomblé e em outras religiões afro-brasileiras, mostrando que o impacto linguístico também atravessa a dimensão espiritual.
Além disso, a musicalidade africana impregnou o português brasileiro, com palavras como samba, berimbau e atabaque descrevendo instrumentos e estilos musicais que se tornaram símbolos nacionais. A influência se manifesta também na alimentação, com termos como feijoada e acarajé.

7 Processos de adaptação e transformação lexical

Palavras oriundas de outras línguas foram modificadas para se adequar à fonologia e à gramática do português. O nome mbira, por exemplo, passou a ser berimbau; palavras do tupi também foram adaptadas em sua pronúncia para se ajustarem aos sons vocálicos do português.
Como o contato cultural frequentemente reunia pessoas de diferentes línguas, muitos significados originais foram transformados, dando origem a neologismos e calques. Um exemplo é o termo brasileiro moleque, derivado do quimbundo mulekê, que originalmente significava criança ou menino, mas que acabou adquirindo conotações sociais e comportamentais específicas no contexto brasileiro.

8 Nasalização e seu papel na identidade sonora brasileira

O português brasileiro é conhecido pela presença da nasalização em vogais e consoantes, o que o diferencia sonoramente do português europeu. Parte dessa nasalização tem origem na influência das línguas indígenas tupi-guarani, que apresentam contrastes entre vogais nasais e orais.
Além disso, os sons nasais e o ritmo marcado das línguas africanas do tronco banto podem ter contribuído para a formação da prosódia do português falado no Brasil. Estudos indicam que a entonação melódica típica dos sotaques brasileiros é resultado direto das influências fonológicas e fonéticas dessas línguas.

9 Simplificação consonantal, sonorização e assimilação

O português brasileiro apresenta processos fonológicos que facilitam a pronúncia, como a simplificação de grupos consonantais (exemplo: pá-ti-o em vez de patio), sonorização de consoantes surdas e assimilação entre sons próximos. Esses fenômenos são paralelos a processos encontrados em línguas africanas, que tendem a evitar clusters complexos.
A sonorização, por exemplo, contribui para o ritmo cadenciado do português brasileiro, enquanto a simplificação consonantal aproxima o idioma das estruturas fonotáticas das línguas africanas, indicando um claro impacto fonológico.

10 Ritmo, entonação e musicalidade

A entonação do português brasileiro apresenta um ritmo silábico mais marcado e melodioso que o português europeu, característica associada a influências africanas e indígenas. A musicalidade do português brasileiro reflete a presença de padrões rítmicos das línguas africanas, que valorizam o ritmo e a prosódia como elementos fundamentais da comunicação.
Essas influências fonéticas não apenas moldaram o som do português brasileiro, mas também exerceram impacto nas expressões culturais, como a música popular e a oralidade tradicional.

11 Estruturas de sujeito, objeto e ênfase no português brasileiro

O português brasileiro difere bastante do português europeu, em grande parte devido aos efeitos das línguas africanas e indígenas. Um aspecto importante é que as línguas nilóticas apresentam flexibilidade na ordem dos constituintes — sujeito, verbo e objeto — o que também é observado em línguas bantas e tupi-guarani.
É comum no português brasileiro coloquial ver o objeto aparecer antes do verbo para dar ênfase à mensagem — como em “isso eu não faço”. Já o português europeu tende a posicionar o objeto depois do verbo, como em “eu não faço isso”. Esse estilo de apresentar o objeto ou ponto principal com ênfase é semelhante às estratégias de topicalização usadas em línguas africanas, nas quais

se marca o foco ou se distingue informação nova de conhecida.
O português, assim como outras línguas românicas na América Hispânica, permite frequentemente sujeitos nulos, o que se diferencia da norma do português europeu. Muitas línguas indígenas usam o contexto para indicar o sujeito implícito, o que pode ajudar a entender por que até mesmo o francês canadense ocidental, sob influência de contato, tende a omitir o sujeito em certas construções.

12 Omissão e inserção de elementos gramaticais

Vários dialetos brasileiros não exigem artigos definidos onde o português europeu usaria, especialmente antes de nomes próprios, por isso se diz “Maria veio” e não “A Maria veio”. Isso segue o padrão das línguas africanas e indígenas, que frequentemente não usam artigos ou os utilizam de forma diferente.
O português brasileiro apresenta um uso mais frequente de dupla negação, o que pode ser resultado da influência do tupi-guarani e do iorubá, onde a repetição da negação é gramaticalmente correta e não redundante.
A influência das línguas africanas e indígenas também pode ser observada no uso de expressões como “né?”, “é que” e “tá”, que tornam o diálogo em português brasileiro mais direto e expressivo.

13 Pragmática e foco discursivo

A influência pragmática das línguas africanas e indígenas no português brasileiro está intimamente ligada ao modo como a informação é estruturada no discurso oral. O uso de estratégias de realce, repetição e paralelismo, típicas das tradições orais africanas, impregna o português falado no Brasil, conferindo-lhe um estilo comunicativo que valoriza a expressividade e a performatividade.
No âmbito discursivo, o emprego de formas enfáticas e a organização tópica do discurso aproximam-se das estruturas pragmáticas das línguas bantu e tupi, em que a contextualização do interlocutor e a manutenção da coesão discursiva são fundamentais.

14 Definições e teorias de línguas de contato

Línguas pidgin são sistemas linguísticos simplificados que surgem do contato entre grupos sem uma língua comum para comunicação, enquanto línguas crioulas evoluem dessas pidgins quando passam a ser língua materna de uma comunidade. O português brasileiro, especialmente em seu processo histórico, apresenta indícios dessas dinâmicas, embora não seja uma língua crioula no sentido estrito.
Segundo estudiosos como Mühlhäusler (1996) e Holm (1988), o português brasileiro emergiu em um ambiente de contato intenso entre o português dos colonizadores, as línguas indígenas e as línguas africanas, passando por processos de pidginização e crioulização que influenciaram profundamente sua estrutura.

15 Evidências da crioulização no português brasileiro

Apesar de o português brasileiro ser visto como uma forma especial do português europeu, estudos especializados mostram que seu léxico, sintaxe e fonologia apresentam muitos traços crioulos, especialmente perceptíveis em comunidades tradicionais como quilombos e aldeias indígenas.
Pesquisadores como Gloria Escobar e Nestor Canfield identificaram que algumas características ainda presentes — entre elas a simplificação verbal, a perda de flexão e o uso de partículas discursivas — são vestígios dos métodos utilizados durante o período colonial para facilitar a comunicação entre pessoas de diferentes línguas.

16 Implicações sociolinguísticas

Esses processos de contato e hibridização linguística refletem também a complexidade social e cultural do Brasil colonial e pós-colonial. A crioulização evidencia o papel das populações marginalizadas como agentes ativos na criação linguística, contestando a ideia de um português brasileiro como mera imitação do português europeu.
Reconhecer esses processos é fundamental para valorizar a diversidade linguística e cultural do país, especialmente frente a políticas linguísticas que por vezes desconsideram as influências não europeias.

17 Tradições orais indígenas e africanas

As tradições, conhecimentos e identidades são mantidos vivos nas culturas indígenas e africanas graças à forte dependência da oralidade. O português brasileiro preserva essas tradições orais por meio de contação de histórias, ditados populares, provérbios e formas poéticas que incorporam elementos estruturais dessas línguas.

Nas sociedades afro-brasileiras, é comum a recontagem de histórias com ênfase no ritmo e na repetição, estratégias que ajudam a fortalecer a cultura e a identidade, influenciando também a forma como o português falado é produzido.

18 Estigma e valorização da oralidade

Historicamente, o português influenciado por línguas indígenas e africanas foi desvalorizado e considerado ignorante ou incorreto. No entanto, movimentos sociais mais recentes passaram a enxergar esse tipo de fala como uma expressão legítima da identidade brasileira, especialmente nas áreas da literatura, da música e do ativismo.

Valorizar as tradições orais ajuda a conscientizar sobre a importância da diversidade linguística na formação do Brasil.

19 Mestiçagem linguística como construção identitária

A identidade linguística brasileira é o resultado da mestiçagem cultural e linguística que permeia a história do país. A incorporação de elementos africanos e indígenas no português contribuiu para uma língua plural, que expressa a diversidade étnica e cultural brasileira.

A música popular, como o samba e o maracatu, e a religiosidade afro-brasileira exemplificam como essa identidade se manifesta, por meio do uso de vocabulário, ritmo e estruturas discursivas herdadas dessas línguas.

20 Desafios da normatização e da diversidade linguística

Muitas vezes, no processo de normatização do português brasileiro, as diferenças regionais e as influências africanas e indígenas são desconsideradas, privilegiando-se um padrão baseado no português europeu. Assim, a forma como as pessoas se comunicam no dia a dia acaba divergindo das normas formais.

O objetivo atual é apoiar uma educação multilíngue e promover a valorização da diversidade cultural, para que as línguas africanas e indígenas continuem sendo parte fundamental da identidade nacional.

21 Variedades regionais e suas raízes linguísticas

O português brasileiro apresenta variações regionais significativas que refletem a distribuição histórica e geográfica das influências indígenas e africanas. No Nordeste, a presença africana é particularmente forte, especialmente em áreas como Bahia e Pernambuco, o que se manifesta no léxico, na fonologia e na pragmática.

No Norte, predominam as influências indígenas, especialmente do tronco tupi-guarani, refletidas em vocabulário e fonética. No Sul e Sudeste, embora a influência europeia seja mais pronunciada, ainda há traços africanos e indígenas marcantes.

22 Diferenças fonéticas, lexicais e sintáticas

Comparado ao português europeu, o português brasileiro tende a simplificar estruturas sintáticas, apresenta maior nasalização, e adota um léxico enriquecido por empréstimos africanos e indígenas. A pronúncia de vogais e consoantes difere substancialmente, evidenciando a autonomia fonológica da língua no Brasil.

23 O Nordeste brasileiro: epicentro da influência africana na língua

O Nordeste do Brasil é um dos mais evidentes laboratórios da interação entre o português europeu e as línguas africanas. Esta região recebeu um número expressivo de escravizados provenientes principalmente do tronco banto (quimbundo, kimbundu, umbundo) e da língua iorubá, o que ocasionou uma profícua influência linguística.

24 Fonologia e entonação nordestinas

A pronúncia característica do português nordestino apresenta marcas que remetem a sons africanos. Exemplos incluem a sonorização de consoantes finais, a manutenção

da vogal aberta em finais de palavra (ex.: "café" pronunciado com ênfase na vogal aberta, característica do português africano) e o ritmo sílábico cadenciado, que ressoa com as prosódias bantu e iorubá.
Essa musicalidade é perceptível também em expressões cotidianas e no modo de entoar perguntas, que usam variações tonais reminescentes de línguas africanas. A influência é tão profunda que determinados padrões entonativos e melódicos do português nordestino são objeto de estudos da fonologia comparativa.

25 Vocabulário e expressões de origem africana no Nordeste

Muitos termos presentes na fala cotidiana do Nordeste são oriundos de línguas africanas, como moleque (do quimbundo mulekê), dendê (óleo de palma), quitanda (mercado informal) e marimbondo (vespa). Além desses, diversas gírias, interjeições e expressões idiomáticas derivadas do contato com o africano sobrevivem e foram incorporadas ao português brasileiro coloquial.
Tais termos não são apenas léxicos isolados; eles carregam significados sociais, culturais e históricos, conectando o falante contemporâneo à sua herança africana. Muitas vezes, essas expressões são também símbolos de resistência cultural e identitária.

26 Influência na sintaxe e pragmática regionais

O português nordestino também manifesta traços sintáticos provenientes das línguas africanas, como o uso frequente da dupla negação ("não fiz nada"), que é gramaticalmente correta dentro da lógica das línguas bantu e iorubá. A entonação interrogativa com final ascendente, expressiva e musical, está relacionada ao padrão comunicativo dessas línguas.
Além disso, a pragmática do falar nordestino valoriza a oralidade expressiva, a repetição e a ênfase discursiva, estratégias típicas das culturas africanas, que tornam a comunicação mais rica e dinâmica.

27 A região Norte e o peso da influência indígena

No Norte do Brasil, a presença indígena é mais expressiva na constituição do português falado. Esta região, marcada pela densa população indígena e pela vasta extensão amazônica, mantém a presença de línguas tupi-guarani e outras famílias indígenas, que influenciaram fortemente a fonologia, o vocabulário e a sintaxe do português local.

28 Fonologia amazônica e sua particularidade

A pronúncia do português amazônico apresenta características como a nasalização mais intensa, a palatalização de consoantes, e o uso de vogais abertas, que refletem os sistemas fonológicos das línguas indígenas amazônicas.
A entonação, o ritmo e o padrão de acentuação também apresentam particularidades que remetem à oralidade indígena, com melodias de fala que se diferenciam claramente do português falado no Sudeste e no Sul do país.

29 Vocabulário indígena amazônico

Os empréstimos léxicos indígenas amazônicos são abundantes e abrangem aspectos da fauna, flora, práticas culturais e objetos do cotidiano. Termos como tucano, tapir, pirarucu e pipoca são de origem tupi-guarani, assim como nomes de rios, cidades e localidades, reforçando a ligação intrínseca entre língua, espaço e cultura.
Além do léxico, algumas construções fraseológicas e expressões idiomáticas indígenas são usadas no português amazônico, indicando uma persistência da cultura linguística indígena.

30 O Sul e Sudeste: síntese e adaptação das influências africanas e indígenas

As regiões Sul e Sudeste do Brasil apresentam uma mescla complexa de influências linguísticas. Embora historicamente o colonizador europeu tenha exercido maior controle e influência direta nessas áreas, as populações indígenas locais e os africanos escravizados contribuíram para a formação de variedades regionais distintas do português brasileiro.

31 Influência africana e indígena nas variedades urbanas e rurais

Nas zonas rurais do Sul, os indígenas guaranis influenciaram o português falado, principalmente no interior do Paraná e do Rio Grande do Sul, onde sua presença foi mais duradoura. Por outro lado, nas regiões urbanas do Sudeste, a influência africana se manifesta na cultura popular, na música, e em expressões coloquiais, embora de maneira menos evidente que no Nordeste.

A diversidade de origens africanas (quimbundo, iorubá, jeje, entre outras) e a heterogeneidade das populações indígenas (guarani, kaingang, xokleng, entre outros) contribuem para a complexidade linguística dessas regiões, produzindo um português brasileiro marcado por múltiplos traços históricos.

32 Evolução independente e fatores sociais

A separação geográfica e histórica entre o Brasil e Portugal, somada à influência intensa das línguas africanas e indígenas, contribuiu para que o português brasileiro seguisse um caminho evolutivo autônomo. Este processo resultou em variações fonológicas, lexicais, morfológicas e sintáticas que tornam o português brasileiro uma variante viva e distinta.

A ausência de um controle normativo rígido durante o período colonial permitiu uma maior liberdade para as transformações linguísticas, em contraste com o português europeu, que passou por processos de padronização mais precoces e centralizados.

33 Fenômenos linguísticos exclusivos do português brasileiro

Entre os fenômenos que diferenciam o português brasileiro, destacam-se: a pronúncia aberta das vogais tônicas, a nasalização extensiva, o uso do gerúndio para indicar ação em andamento (ex.: “estou fazendo”), e o emprego de formas verbais simplificadas. Tais características têm raízes nas adaptações comunicativas das populações indígenas e africanas ao sistema português.

34 Implicações socioculturais da divergência

A autonomia linguística do português brasileiro reforça a identidade nacional e cultural do país, simbolizando a complexa história de miscigenação e contato linguístico. Essa diferenciação linguística também afeta o ensino da língua e a relação entre Brasil e Portugal, influenciando políticas linguísticas, materiais pedagógicos e percepções sociais.

35 Desafios na educação bilíngue e intercultural

Apesar da riqueza das influências africanas e indígenas, as línguas originárias continuam marginalizadas no sistema educacional brasileiro. A maioria dos estudantes não tem acesso a uma educação bilíngue que valorize suas línguas maternas, o que compromete a preservação e revitalização dessas línguas.

Movimentos educacionais e indígenas reivindicam a implementação de políticas de educação intercultural bilíngue que reconheçam as línguas africanas e indígenas como patrimônios vivos, promovendo o respeito à diversidade linguística e cultural.

36 A luta contra o preconceito linguístico

A persistência de preconceitos contra variantes do português brasileiro influenciadas por línguas africanas e indígenas representa uma barreira para o reconhecimento social e acadêmico dessas contribuições. Combater o preconceito linguístico é essencial para construir uma sociedade mais inclusiva, que valorize a pluralidade linguística como um patrimônio cultural.

Considerações Finais

Fica claro, a partir do estudo das línguas africanas e indígenas no português brasileiro, que um padrão especial, moldado pela história, pelo contato, pela resistência e pela cultura, foi responsável pela formação da língua. Mais do que simplesmente tomar palavras emprestadas, esse processo altera profundamente o funcionamento da fonologia, da morfossintaxe e da pragmática do idioma. Ele ressalta que o português brasileiro é capaz de mesclar influências externas, adaptá-las e formar uma identidade linguística única.

Esse fenômeno vai além da linguagem e serve como lembrete do impacto profundo do poder, dos conflitos e da resistência na sociedade, cultura e política do Brasil. As línguas africanas e indígenas não apenas permaneceram como parte da cultura; elas

atuaram como bases importantes, ajudando a moldar uma língua que reflete o encontro e as diferenças em um território pluriétnico e pluricultural.

Embora a crioulização seja raramente mencionada em debates sobre o português brasileiro, ela desempenhou um papel central na formação de novas formas de falar criadas por comunidades escravizadas e indígenas. Essa abordagem permite enxergar o português brasileiro de uma forma diferente, destacando a contribuição de grupos historicamente marginalizados na sua construção.

Em nível regional, as diferenças linguísticas demonstram como as influências africanas e indígenas continuam presentes e contribuem significativamente para a formação das identidades locais e para a resistência à padronização. É preciso, portanto, reconhecer que as variedades do português brasileiro resultam de séculos de trocas entre o português europeu e diversas outras tradições linguísticas.

Além disso, é necessário que as políticas linguísticas e educacionais incluam e valorizem a diversidade como um aspecto essencial da cultura brasileira. Pela memória, pela justiça e pela identidade, é fundamental inserir as línguas africanas e indígenas tanto no sistema educacional quanto nos espaços culturais do Brasil.

Os resultados deste estudo indicam que ainda há muito a ser pesquisado sobre como as línguas de contato influenciam o desenvolvimento das línguas nacionais, e convidam a comunidade acadêmica a reconhecer as culturas indígenas e afrodescendentes como fatores centrais na transformação do cenário linguístico do Brasil.

Referências Bibliográficas

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2002.

CÂMARA JR., J. M. Dialetos do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário de português. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

HOLM, John. An introduction to pidgin and creole languages. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

KATO, Mary Yoko. Fonologia do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LOURO, José Ribamar Bessa. A língua tupí e a formação do português brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2010.

MEYER, Diana. O tupi na história do Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

MÜHLHÄUSLER, Peter. Pidgin and creole linguistics. London: University of Westminster Press, 1996.

NASCIMENTO, Manuela Carneiro da. O quilombismo e a cultura afro-brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OLIVEIRA, Dilmar Silveira de. Línguas africanas e sua influência no português brasileiro. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v. 7, n. 2, p. 45-68, 2013.

PRANDI, Reginaldo. Gramática da língua brasileira: o português e suas variedades. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Renato Costa da. Sociolinguística do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2017.

SUASSUNA, Ariano. Cultura popular e identidade nacional. São Paulo: Global, 1998.